AS DIFERENTES FORMAS DE CONTAR HISTÓRIAS, E OS SEUS BENEFÍCIOS PARA A VIDA DE CRIANÇAS E ADULTOS

LUCIANA APARECIDA DE SOUZA PAIVA

RESUMO

O interesse pelo estudo da linguagem em crianças tem se mantido presente no campo da Psicologia há algum tempo. No início do século XX, muitos trabalhos foram realizados voltados à descrição do processo de aquisição da linguagem, com destaque para os ganhos característicos de cada fase da infância, relacionando-os aos demais aspectos do desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial. A vivencia desde muito cedo com livros, faz com que a criança tome deste exercício de leitura como parte da sua rotina, tornando-se um adulto crítico, que saiba interpretar um texto corretamente e com um vocabulário amplo ajudando os estudantes a lidarem com suas emoções. Por isso, o objetivo desse artigo é o de estimular o gosto pela leitura criando um hábito para os estudantes, por meio da arte de contação de diferentes histórias, sejam elas: contos de fada, conto de tradição popular dentre outros. Assim, a forma de contar histórias pode ser realizada por meio de brincadeiras, bem como estimular o desenvolvimento social, cognitivo, psíquico e afetivo. Dessa fora, os ganhos da contação de histórias são para todos envolvidos, "criando" uma aula mais atrativa e motivadora, para que a sociedade ganhe cidadãos criativos e capazes de conviver com a diversidade desenvolvendo o senso crítico.

Palavras-chave: Contar histórias, Criança, Escola, Sociedade

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo da linguagem em crianças tem se mantido presente no campo da Psicologia há algum tempo. Desde o trabalho pioneiro de Gesell e Amatruda (Gesell, 2002), no início do século XX, muitos trabalhos foram realizados voltados à descrição do processo de aquisição da linguagem, com destaque para os ganhos característicos em cada fase da infância, relacionando-os aos demais aspectos do desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial (Bee & Mitchel, 1984; Mussen, Conger, Kagan & Huston, 1995; Papalia & Olds, 2000). Dessa forma, os principais marcos do desenvolvimento da linguagem é o balbucio do bebê, que marca o período inicial da linguagem verbal e as primeiras palavras compreensíveis surgem aproximadamente aos 12 meses; entre 24 e 30 meses, sendo possível observar emissões mais longas e complexas; até que, a partir dos 4 anos de idade, a criança já apresenta falas que se relacionam, aproximando-se da fala adulta (Mussen et al., 1995apud MOTTA et al, 2006, p. 157 e 158).

Seja para entreter, coeducar, facilitar o encontro com o imaginário ou ajustar valores da cultura de um povo, pois as histórias sempre fizeram parte do cotidiano humano. Todos nós diariamente temos algo a dizer ou a informar e para isso, geralmente usamos histórias para melhor ilustrar o que sentimos, vivemos ou passamos. Estudos mais aprofundados sobre as histórias revelam que, além de ilustrar situações vividas ou sentidas, há nelas algo muito maior, uma espécie de "elixir curador", e é aí que reside seu valor terapêutico. A psicologia junguiana enxerga os contos de fadas, especificamente, como representações simbólicas viáveis para se solucionar problemas. Os adeptos da teoria de Jung creem que os contos de fada apresentam dilemas humanos e permitem a quem os ouve ou mesmo lê, através da identificação com os personagens dessas histórias, imaginar caminhos para diminuir/eliminar seus conflitos. Ouvir histórias, portanto, ajuda na confrontação de problemas e na busca por suas respectivas soluções, pois "a fantasia é o nosso combustível interno. Desde o nascimento, para que possamos sobreviver psiquicamente, criamos fantasias para dominar nossas angústias e realizar nossos desejos." (Radino, 2003, p. 116). Ainda segundo essa teoria, os contos dão forma aos desejos e aguçam a imaginação infantil, favorecendo o processo de simbolização (cuja linguagem é a da emoção, da afetividade) necessário à inserção no mundo civilizado e cultural (LEMOS; SILVA, 2012, p. 112). Segundo o autor Rodrigues (2005), a contação de história é uma ponte entre o fictício e o real, pois ao preparar uma história para ser contada a experiência dos personagens e do narrador invadem nosso mundo imaginário e as emoções transcendem a ficção passando a fazer parte do real (SILVA; FRANÇA, 2019, p. 01).

Antes da escrita, todo saber era transmitido de forma oral. Deve-se a isto toda a importância dada à memória nas sociedades tradicionais, pois a memória era o único recurso para armazenar e transmitir o conhecimento às gerações futuras. O ato de contar histórias remete a este tempo em que o homem confiava na sua memória e nas suas experiências, resgatando qualidades tão necessárias ao desenvolvimento humano (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 02).

Por isso, a leitura de histórias para criança é fundamental para que a mesma possa apropriar-se de um imaginário social, bem como enriquecer seu vocabulário, e aprimorar suas formas de interpretação. A vivencia desde muito cedo com livros, leituras faz com que a criança tome deste exercício de

leitura como parte da sua rotina, tornando-se um adulto crítico, ou seja, um adulto que saiba interpretar um texto corretamente e com um vocabulário amplo (SOUSA; STRAUB, 2014, p. 123).

Assim, a arte de contar história é um exercício que trabalha todos os sentidos humanos, corpo, mente, atenção, memória, percepção e movimentos corporais. Esses elementos possibilitam aprendizagens diversas na Educação Infantil como a compreensão de que fazemos parte do ambiente, que interage com o ser humano em relações não lineares. A Contação de Histórias é um elo de comunicação afetiva entre sujeitos. É arte criativa que desperta curiosidade para aprendizagens. Seres humanos contam suas histórias de diversas formas no percurso da humanidade. Dos desenhos rupestres ao advento da escrita, grupos perpetuam saberes e educam as gerações mais jovens por meio dos contos, causos, folclores, rimas, entre outros (LIMA, 2019 apud LIMA et al., 2022, p. 319 e 320).

Como afirma Maciel (2008), mais do que ter o contato com produções literárias do passado, é preciso que o aluno saiba se localizar em um universo letrado, cujos fluxos de informações são cada vez mais acessíveis e velozes. O contato do aluno no ambiente escolar com diferentes gêneros textuais proporciona que ele se localize culturalmente, contribuindo para a formação de um leitor que seja crítico e com habilidades para articular o mundo da escrita com seu eu e com a comunidade (ARTUSSA; MONTEIRO, 2017, p.

46).

Por essa razão, arte de contar história é um exercício que trabalha todos os sentidos humanos, tais como: corpo, mente, atenção, memória, percepção e movimentos corporais. Esses elementos possibilitam diversas aprendizagens na Educação Infantil como a compreensão de que fazemos parte do ambiente, que interage com o ser humano em relações não lineares (LIMA et al., 2022, p. 319).

Sobre as práticas de leitura, como aponta Monteiro (2010), a formação do bom leitor depende de seus contatos anteriores com a leitura. Ao entrarem no Ensino Fundamental, algumas crianças já apresentam uma vivência com diversificados gêneros textuais, o que facilitará o trabalho pedagógico do professor para a construção das práticas de leitura. Porém, a escola também recebe crianças com poucas experiências de leitura, o que exigirá do professor maior atenção ao trabalho pedagógico para desenvolver nessas crianças o hábito de ler. O posicionamento da autora (MONTEIRO, 2010) vai ao encontro de outros estudos

(CARVALHO, 2004; CEALE, 2004) defendendo que "[...] o sucesso na formação de bons leitores dependerá das características do trabalho pedagógico do professor [...]" (MONTEIRO, 2010, p. 28 apud ARTUSSA; MONTEIRO, 2017, p. 48).

O autor Cagliari (2009) atribui papel importante para a leitura na vida das pessoas, e se um aluno se tornar um bom leitor, a escola cumpriu grande parte de sua tarefa. Ele defende ainda que "a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas" (CAGLIARI, 2009, p.130 apud ARTUSSA; MONTEIRO, 2017, p. 48), pois a maioria do conhecimento a ser adquirido fora da escola será mediado pela leitura. Para Cagliari "por leitura se entende toda manifestação linguística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra e colocado em forma de escrita" (ARTUSSA; MONTEIRO, 2017, p. 48).

Ainda de acordo com Cagliari (2009, p.137 apud ARTUSSA; MONTEIRO, 2017, p. 49), "uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada". Nem sempre a leitura visual, silenciosa e individual é a mais adequada para certos textos ou faixas etárias. Assim, ouvir histórias também é uma forma de ler. Como apontam os autores Abramovich (1993) e Cagliari (2009), o primeiro contato da criança com a leitura ocorre oralmente. Na concepção de Abramovich (1993), a criança que ainda não lê terá contato com os conteúdos do livro por meio da história contada. E mesmo aquelas que já leem podem sentir grande prazer ao ouvir histórias, pois como enfatiza a autora, ouvir histórias não se restringe apenas a quem não sabe ler (ARTUSSA; MONTEIRO, 2017, p. 49).

Quando o ser humano experimenta a leitura, ele executa um ato de compreender o mundo, pois ler é, antes de tudo, compreender, e compreender é ser. Portanto, ler o mundo é assumir-se como sujeito da própria história. É ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social e político. É imprescindível que os diversos segmentos da sociedade se convençam da importância da leitura e, desta forma, da escrita. Conforme Gadotti (1988, p. 17): ... o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como 'perigo', 'atenção', 'cuidado', para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente (MAINARDES, 2011, p. 02).

Dessa maneira, faz-se necessário que ocorra consciência, enquanto educadores, da responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultural do educando. A escola deve valorizar o livro, não como algo para ser guardado na estante, mas para ser lido. A escola também deve indicar diretrizes e incentivar a prática

da leitura.

Segundo Ziraldo (1988, p. 27): "... a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante quanto respirar". Apesar disso, o prazer da leitura não constitui um hábito para grande parte dos brasileiros. Não se vê pessoas lendo, e na maioria das vezes, o único contato que se tem com os livros é nas escolas, cuja leitura é obrigatória e não voluntária. Os jovens têm atravessado os portões das escolas sem ler e têm chegado às universidades tendo lido apenas resumos dos livros solicitados para o vestibular (MAINARDES, 2011, p. 02 e 03).

Numa sociedade de imensa mecanização como a nossa, a contação de histórias faz refletir sobre qualidades esquecidas. A valorização do conhecimento transmitido pela oralidade recompõe o valor das experiências coletivas. O ofício de contar histórias é remoto (...) e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida. (MEIRELES, 1979, p. 41). O hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, estabelece-se uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são. "Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser" (BUSATTO, 2003, p. 10 apud TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 02).

Ao longo da história humana, a necessidade de interação sempre se fez presente por meio do diálogo, representado tanto por meio de pinturas, desenhos, gestos quanto pela fala. O ser humano intrinsecamente necessita do outro para o fortalecimento pessoal, visto que é sociável e não isolável. A expressão criativa do ser humano é reconhecida como arte, a qual, a cada dia que passa, insere-se mais na sociedade, contribuindo diretamente com o desenvolvimento das pessoas, seja na educação, na ação cultural, social, religiosa e na área da saúde (AMARAL, 2003; MANFERRARI, 2011 apud GOMES et al, 2014, p. 31).

É importante salientar que um outro dado fundamental do contar histórias, hoje, está em resgatar a qualidade das relações humanas tão deterioradas ultimamente, devido ao grande número de aparelhos eletrônicos que têm seduzido com suas inovações e que agem como distanciadores das relações entre as pessoas, colaborando para que elas sejam menos sociáveis, mais solitárias e pouco reflitam sobre a existência (PIRES, 2001, p. 02).

Sendo assim, ao contar histórias podemos classificar como uma arte, e por isso o objetivo desse artigo é o de estimular o gosto pela leitura criando um hábito para os estudantes, por meio da contação de diferentes histórias, sejam elas: contos de fada, bem como apresentar as histórias da cultura brasileira e mesmo de outros povos. E a forma de contar histórias pode ser realizada por meio de brincadeiras, e com isso estimular o

desenvolvimento social, cognitivo, psíquico e afetivo dos alunos. Afinal, as histórias aumentam o contato com o livro para que os educandos comecem a pensar, refletir e expandir o conhecimento ao aprender sobre a própria cultura e também sobre os diferentes povos, e assim melhorar o vocabulário, e também ter ideias para as futuras redações. Além disso, as histórias despertam no ouvinte a imaginação, a emoção e o fascínio da escrita e da leitura estimulando o senso crítico.

DESENVOLVIMENTO

Quando pensamos sobre a contação de histórias, é importante refletir com relação as interações e brincadeiras que são eixos estruturantes da Educação Infantil elencados pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), entretanto o teor empregado nela deve ampliar-se na proposta de maior emancipação e autonomia dos sujeitos docentes, numa percepção mais crítica sobre essas esferas, e dos sujeitos ouvintes e participantes desses eixos. Tal fato representa um duelo complexo, dinâmico e constituinte de aprendizagens, onde as interações não são meros momentos de conversas, mas de diálogos que vão envolver a compreensão mútua entre os sujeitos e das suas narrativas num mundo polarizado entre interesses antagônicos (LIMA et al., 2022, p. 321).

Sendo assim, as brincadeiras são expressas de diversas formas e a Contação de Histórias pode ser uma forma de brincar para a formação da identidade psicológica e biológica, para conhecimento do outro e também da coletividade humana. Ao brincar, as crianças participam e desenvolvem as relações sociais e cuidados pessoais. Por meio de mediação docente as crianças desenvolvem autonomia, cuidado consigo mesma e com os outros. (BRASIL, 2017; SOUZA VIEIRA; TERRA DE OLIVEIRA, 2020 apud LIMA et

al., 2022, p. 321).

Brincar para interagir com a fala do outro, com a escuta para organização do pensamento e da imaginação é a maneira mais natural de comunicação humana. Os espaços organizados para o exercício do ensino, dinamizados nos tempos, nas quantidades relacionadas às suas transformações podem culminar num caldeirão de histórias. Dessa forma, o ser humano pode ser capaz de produzir ciência a partir de atividades que envol-

vam curiosidades sobre a natureza, o corpo em movimento, em crescimento e transformações, os animais, as plantas, os graus de parentesco, etc. Sabe-se que por meio das brincadeiras a criança se socializa, encontra prazer, desenvolve a afetividade, a motricidade, e o cognitivo, além de criar e reconstruir a realidade à sua volta. Assim, percebe-se a importância do brincar dentro desse processo, pois através das brincadeiras é proporcionado a criança um momento de distração, conhecimento e troca de experiências, levandoa à criatividade, sem esquecer de mencionar a relação entre professoraluno-ludicidade, que contribuem para o desenvolver dessa fase tão importante na vida escolar de qualquer sujeito (FARIAS, 2013, p. 24 apud LIMA et al., 2022, p. 323).

Brincar, interagir, contar histórias de reis, rainhas, príncipes, sapos e princesas é uma das formas mais elementares e dinâmicas que envolvem o eu, o outro e o nós, os traços, os sons, cores, formas, fala, escuta, pensamento e imaginação que transformam em conhecimentos científicos e propiciam a criação de cenários de pesquisa em sala de aula da Educação Infantil (HARTLEBEN; TROMBETTA; MACIEL RIBEIRO, 2021

apud LIMA et al., 2022, p. 324).

Segundo Otero (2011), o poder do encantamento que existe na performance ao se contar uma história, coloca a palavra como forma de agir no mundo. Além disso, a história da escrita relembra a tradição da oralidade envolvida também nessa tecnologia. E afirma que é possível retomar essa tradição histórica oral durante a alfabetização. A autora explicita que a oralidade precisa ser apresentada de forma expressiva, e dentre as possibilidades para que isso aconteça, está a arte de contar histórias (ARTUSSA; MONTEIRO, 2017, p. 60 e 61).

Conforme Gillig (1999, p.79): de uma maneira geral, os monstros, as bruxas e os personagens temíveis não são mais do que projeções imaginárias dos fantasmas que a criança traz consigo: medo de ser abandonado por seus pais, medo de ser devorado, medo da rivalidade fraterna. Os contos de fadas são úteis a todas essas angústias, ajudando as crianças a projetarem-se nessas histórias que acabam bem e a identificarem-se com o herói. Apesar de todas as provas, o conto acaba bem e a criança fica então tranquilizada. Sozinha, ela é incapaz de inventar histórias que a ajudariam a vencer o seu medo. O conto de fadas, portanto, dá à criança um material imaginativo onde ela buscará as imagens necessárias para resolver seus problemas. Os contos de fadas são mais claros, pois colocam as crianças diante de uma situaçãoproblema cuja solução ela encontrará graças à sua capacidade de imaginar. O conto é um instrumento de trabalho muito importante, que auxilia a criança a lidar com a ansiedade que está vivenciando e superar obstáculos, o que favorece o desenvolvimento da personalidade (DIAS; ROCIO, 2019, p. 11).

Assim, nota-se que as crianças são diferentes, com vidas diferentes, recebem estímulos diferentes, estão expostas a problemas e formas de solucioná-los que também são diferentes, e ainda constroem padrões de referência e de comportamento diferentes. Há uma série de caminhos através dos quais o desenvolvimento comportamental pode se revelar, e a contação de histórias contribui para que certos estímulos sejam descobertos.

Assim a criança concentra-se mais e aprende a respeitar o outro através dos contos e histórias infantis. As histórias não só expressam sobre o amor, mas, também sobre diversas situações vividas pelos seres humanos na sua realidade; é através dela que as crianças descobrem sua identidade e melhoram sua comunicação, para desenvolver o seu caráter no futuro (DIAS; ROCIO, 2019, p. 12).

Os contadores que se utilizam de histórias tradicionais o fazem por basear-se no seu vínculo com a vida concreta, como também com o sagrado. No momento em que ocorre a valorização das raízes, das religiões, das manifestações culturais, das expressões artísticas, etnia e raças, como também no compartilhamento da própria história, podemos ter a base sobre a qual se estruturam os processos identitários (FARIA & GARCIA, 2002, p. 126). Os contos possibilitam enxergar as diferenças culturais e constatar que a diversidade é saudável. Auxiliam "a expansão da nossa consciência ética e estética" (BUSATTO, 2003, p. 38 apud TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 04).

O conto da tradição popular, por ser econômico, se revela rico em imagens (BUSATTO, 2003, p. 55), assim o ouvinte vai construindo todo o contexto da história conforme o que é sugerido pelo contador ao revelar as imagens do conto; imagens reveladas "a partir das formas, cores, sons e sensações presentes no seu corpo" Essa é a grande magia das histórias, a de viajar viajarmos para qualquer lugar, sem sair do lugar (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 05).

Por essa razão, é importante que os livros estejam disponibilizados ao alcance das crianças. Afinal, a técnica de repetição é das mais favoráveis para conquistar e manter a atenção e o interesse do pré-leitor, pois na primeira vez que a história é contada para a criança tudo é novidade. A partir da segunda vez as crianças já sabem o que irá acontecer, então elas procuraram detalhes da história, assim como acontece com os adultos em um bom livro ou em um belo filme (SOUSA; STRAUB, 2014, p. 126).

Conforme Abramovich (1991), a partir de um levantamento percebeu-se que o mo-

mento de contar histórias se for bem preparado de forma antecipada, o que faz com que as crianças revivesciam sentimentos conforme a história narrada, e isso pode contribuir para o desenvolvimento emocional, afetivo, crítico, da criatividade, do vocabulário e da concentração, entre outros fatores importantes nesta fase de formação da criança (LEMOS; SILVA, 2012, p. 12).

Meireles (1984, p.29) afirma: "[...] o 'livro infantil', se bem dirigido à criança, é de invenção e intervenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores."

(SOUSA; STRAUB, 2014, p. 127). Von Franz (2010, p. 18) diz que os

"ritos de saída" nos recordam que o conto se passa num mundo imaginário e que as personagens e os eventos que nele se desenrolam pertencem a um universo que é o domínio do inconsciente. É um 'outro mundo', que contrasta com o da vida e das pessoas comuns. Assim se estabelece espontaneamente um movimento de vai e vem entre o consciente e o inconsciente. A história toca profundamente, e no momento em que permite identificações, projeções e possibilita esperanças, ela começa a "curar", ou seja, a trabalhar pela resolução de conflitos internos. Ao final, o ouvinte sabe que tudo se passou num "outro mundo"; porém sente que o bem que ficou lhe servirá para o mundo onde ele e seus problemas estão. Não há contraindicação, nem efeitos colaterais na contação de histórias, desde que haja cuidado, respeito, ética e delicadeza na seleção e adequação ao público e às suas necessidades, para que a leitura seja parte do caminho de estruturação e bem-estar do ouvinte, e para que o encontro do imaginário com o real seja um solo de descobertas de cura. O conforto produzido pelo contar e ouvir histórias, seja ele lúdico ou direcionado por profissionais, guarda essa possibilidade de facilitar um tratamento médico, muitas vezes penoso, pela expressão e partilha das angústias, medos e inseguranças (LEMOS; SILVA, 2012, p. 12).

Quando se pensa na arte de contar histórias, existe um encantamento, pois quando uma história é contada, é importante ressaltar que o ato de falar e expressar os sentimentos é o que diferencia o ser humano dos outros animais. Essa ação verbal que constantemente necessita de complementos é exercida na dialética essencial em busca da interação. E é por meio do expressar-se que se constrói e repassa as culturas e tradições. Independentemente do tempo e do espaço, não há povo ou civilização que não tenha manifestado a prática de comunicar-se, de trocar experiências e dialogar, de passar suas lendas, tradições e costumes por intermédio da oralidade (MANFERRARI, 2011 apud GOMES; SANTOS; BARBOSA, 2014, p. 33).

Por sua vez, a arte de contar histórias, trata-se de artifício que vem sendo utilizado desde os primórdios da civilização para repassar crenças e ensinamentos de geração a geração. E como os indivíduos não são seres isolados, pois evoluem, e a arte de contar histórias trilhou sua evolução junto com o ser humano no decorrer do tempo, possibilitando inúmeros aspectos relevantes para a sociedade, a exemplo de desenvolvimento social, cognitivo, psíquico e afetivo. Com a evolução, essa prática ganhou formas, estilos e nuanças, configurando-se como uma proposta saudável para a sociedade (GOMES; SANTOS; BARBOSA, 2014, p. 33).

Portanto, falar de histórias é poder identificar-se com os personagens, e assim rir, emocionar-se com os contos, a forma como se conta, os elementos e adereços que compõem a narrativa. Esse processo funciona como um propulsor do imaginário de quem escuta. Nessa confabulação que envolve o contador de histórias e seus ouvintes, presenciasse uma sinergia capaz de criar um universo de total entrega das emoções. E, com as emoções exacerbadas e envolvidas num clímax de interação, o contador de histórias, materializando as histórias mediante suas narrativas, vai estabelecendo uma diversidade de funções colaborativas no seu público: educativa, social, psicológica e cognitiva. Estando essas funções ativas, a narrativa lúdica promove um desenvolvimento saudável do seu público (CASTANHA; LACERDA; ZAGONEL, 2005 apud GOMES; SANTOS; BARBOSA, 2014, p. 33).

Sendo assim, ao contar histórias, o narrador faz uso do instrumento da voz e das linguagens não verbais (gestos, espaço físico, olhar, músicas, cheiros, toque); e conta com audição, visão, olfato e tato, quando do ponto de vista do ouvinte. É um momento que efetiva uma vivência social que é ao mesmo tempo coletiva e individual, consciente e inconsciente, efetivando uma experiência de aprendizagem informal na vida dos ouvintes como também na do contador. Ajudar a criança a refletir sobre seus sentimentos problemáticos por meio da história e impedir que esses sentimentos se avolumem e se transformem numa terrível confusão interior. Em outras palavras, quando bem usadas, as histórias são uma parte vital da saúde do sistema digestivo emocional da criança

(SUNDERLAND, 2005, p.11 apud PIRES, 2001, p. 04 e 05).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte de contar histórias existe há muitos anos, ou seja, desde o princípio da humanidade, e que se propagou por todo mundo, e que tem grande importância para o desenvolvimento humano, especialmente na infância. É importante salientar que essa arte

pode ser utilizada como ferramenta pedagógica e também interdisciplinar podendo ser utilizada tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental. Ao contar histórias observa-se as memórias, bem como as vivências e experimentações que pode ser parte do ensino envolvendo tanto a cultura e natureza, por meio das interações e brincadeiras no universo infantil.

Durante a contação de histórias podem ser usados recursos alternativos ao ensino, tais como os podcasts e que pode ser um componente motivador e imaginativo para os alunos, além de desenvolver a criatividade e o processo de alfabetização.

A Contação de Histórias é uma arte transversal e interdisciplinar que leva em consideração a escuta, a fala e também a organização do pensamento coletivo podendo auxiliar na construção da imaginação crítica para ação e transformação da educação Infantil. A aprendizagem dos alunos pode acontecer por meio de histórias que são estimuladas durante as interações, brincadeiras dos sons, do pensamento, da fala e da escuta atenta com as infâncias. E essa prática poderá contribuir com o objetivo de levar a criança a ler por prazer.

A arte de contar histórias deve ter por objetivo também propiciar situações que estimulem o desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor da criança, destacando a presença de contar histórias na educação Infantil, que tem por finalidade auxiliar na capacidade de expressão, de imaginação, de desenvolvimento da oralidade e da criatividade. Dessa forma, essa arte valoriza e agrega o desenvolvimento infantil. As histórias propiciam que as crianças passem a ter contato com a literatura, o que estimula a melhora de seus relacionamentos afetivos. A criança passa a interpretar o mundo através de suas emoções e sentimentos, além de desenvolver o senso crítico ao questionar concordando ou não com a visão do autor. Pode ajudar a criança compreender sua realidade e auxiliá-la na resolução de problemas.

Os ganhos da contação de histórias são para todos, ou seja, tanto os ouvintes, que durante a escuta vão ser instigados a trabalhar a imaginação, enquanto o contador pode estimular a memória. Quando refletimos sobre os ganhos na escola, tanto os estudantes como os professores vão fazer parte de uma aula mais atrativa e motivadora. E com tudo isso, a sociedade ganha cidadãos criativos e capazes de conviver com a diversidade desenvolvendo o senso crítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARTUSSA, L; MONTEIRO, M.I. Arte de contar histórias e suas relações com as práticas de leitura. Poíesis Pedagógica, Catalão-GO, v. 15, n.2, p. 43-64, 2017.

DIAS, T. C; ROCIO, G. C. A arte de contar histórias como prática pedagógica. Caderno Intersaberes, v. 8 n. 15, p. 01-18, 2019.

GOMES, E. O; LIMA, E. M. P.C, SANTOS, R. L; BARBOSA, E. S. A Arte de Contar Histórias. uma estratégia para humanização na saúde. Revista Interfaces da Saúde, n.01, p.30-38, 2014.

LEMOS, A. C; SILVA, N. C. G. A função terapêutica da arte de contar histórias. INTERSEMIOSE • Revista Digital, v. 01, n.01, p. 07-23, 2012.

LIMA; V. S; BRAGA, E. S.O; DANTAS, L. F. S; ALVES, T.R. S; ANJOS, M.B; A arte de contar histórias na Educação Infantil: reflexões para a construção de saberes diversos. Revista Insignare Scientia, v. 05, n. 01, p. 318-336, 2022.

MAINARDES, R. C. M. A arte de contar histórias: uma estratégia para a formação de leitores.,

p. 1-20, 2011. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/>. Acesso em 15 de janeiro de 2023.

MOTTA, A.B; ENUMO, S. R. F; RODRIGUES, M. M. P; LEITE, L. Interação em Psicologia, v. 10, n. 01, 2006.

PIRES, E.S. Literatura, leitura e a arte de contar histórias. Disponível em; https://alb.org.br › anais17 › sem15 › COLE_50. (FAFIPA - FAC. EST. DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DE PARANAVAÍ), 2011/>. Acesso em 17 de janeiro de 2023.

SILVA, A. L; FRANÇA, T.M.S. A arte de contar histórias na educação infantil e a formação de professores, p. 01-05, 2019. Disponível em; https://www.editorarealize.com.br › anais › conedu. >. Acesso em 19 de janeiro de 2023.

SOUZA, F. R; STRAUB, S. L. W. A arte de contar histórias na educação infantil. Revista Eventos Pedagógicos, v.5, n.2, p. 122-131, 2014.

TORRES, S. M; TETTAMANZY, A. L. L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Sessão aberta PPG-LETUFRGS – Porto Alegre v. 04, n.01, p.01-08, 2008.